

# O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista<sup>1</sup>

Reges Toni Schwaab e Frederico de Mello Brandão Tavares

**Resumo:** O presente texto reflete sobre o tema como um objeto de estudo no Jornalismo. Especificamente, partimos do universo do jornalismo de revista para pensá-lo não apenas como referente, mas como operador de sentidos no âmbito das rotinas produtivas e dos produtos aí envolvidos. Para isso, problematizamos e complexificamos a ideia de tema, tendo em vista sua presença em revistas semanais e especializadas. A partir deste percurso, realizamos o cruzamento e tensionamento de questões discursivas e conceituais, buscando contribuir com os estudos de jornalismo e jornalismo de revista.

**Palavras-chave:** tema, jornalismo de revista, discurso.

**Abstract:** *The theme as the operator of meaning in magazine journalism.* This text reflects about the theme as an object of study in journalism. Specifically, we focus on the universe of magazine journalism to see it not only as a reference but also as an “operator of meaning” within the ambit of the productive routines and products of journalism. To this end, we discuss and complexify the notion of theme, in view of its presence in weekly and specialized magazines. In this context, we examine discourse and conceptual questions, seeking to contribute to studies on journalistic theory and magazine journalism.

**Keywords:** theme, magazine journalism, discourse.

## Na revista, para além do assunto

Quando se pensa no jornalismo e nos referentes da produção noticiosa, os acontecimentos possuem papel de destaque. São eles os objetos da cobertura jornalística diária, matéria-prima das chamadas “notícias quentes”. Pelo seu caráter extraordinário (QUERÊ, 2005), que foge ao curso normal do cotidiano, o acontecimento coincide com a necessidade de o jornalismo em “testemunhar” a realidade e relatar sobre a mesma.

<sup>1</sup> Versão revista de texto apresentado no Grupo de Trabalho “Estudos em Jornalismo”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.

No entanto, se pensamos o jornalismo que foge do incomum e que alicerça sua produção em outras bases, aparece outro referente: o tema. Este figura em pautas jornalísticas das mais diversas como, frequentemente, algo que pode preencher o espaço da notícia que não houve, ou como componente de valor na trama da cobertura periódica dos meios de comunicação.

Na verdade, o tema perpassa qualquer material jornalístico; toda notícia também tem a sua temática, o que pode causar, em relação à distinção acima apontada, um estranhamento. Mas, no jornalismo das *hard news*, o tema só emerge de forma explícita, como uma pauta específica, encaixando-se nas lógicas da temporalidade jornalística e dos valores-notícia, ou seja, “concorrendo” com o acontecimento. Neste contexto, o tema não é o extraordinário. O que não significa que não possua sua novidade. No jornalismo cotidiano, sua presença acaba restrita (em geral) a duas manifestações textuais correntes: a reportagem e a chamada “matéria-fria” ou “de gaveta”. A primeira com certo status no que tange a produção e a visibilidade, e a segunda com menor relevância na cobertura diária, ambas, porém, atreladas a uma ideia: a do tema como um assunto a ser dito e que deve adequar-se a uma rotina produtiva maior, que o envolve.

No entanto, o que acontece quando o tema se encontra em outros produtos (e processos) jornalísticos que fogem à dinâmica evenemencial?(CHARAUDEAU, 2006)<sup>2</sup>

Mais que isso, ao fugir de tal lógica, permanece o tema como apenas um assunto a ser inserido ou investigado? O que passa a existir? Que papel ele cumpre ao não falar do extraordinário do mundo? Que operações sua presença, como pauta de destaque, assume em determinados veículos? Concordando que não é possível generalizar tais mutações nas variadas mídias e práticas do jornalismo, mas afirmando sua existência, buscamos, neste artigo, refletir sobre a presença e o papel do tema no chamado jornalismo de revista. Este, além de pouco estudado como objeto, apresenta-se no contexto do jornalismo impresso como lugar privilegiado, a nosso ver, de manifestações temáticas no jornalismo. Seja em coberturas voltadas para temas, seja na elaboração de projetos editoriais específicos.

No atual mercado editorial das revistas jornalísticas brasileiras, mesmo nas revistas semanais, a presença temática é bastante relevante. Os mapeamentos realizados por Augusti (2005) e Vaz e França (2009) servem de exemplo. O primeiro (2005) estuda o período compreendido entre setembro de 2003 a setembro de 2004, constatando que, num total de 52 semanas, a revista *Veja* trouxe 22 capas voltadas para a questão do comportamento, sem considerar aí, outros universos como saúde, alimentação etc. Já o segundo (2009) aponta que dentre as 51 edições de *Veja* no ano de 2001, apenas 10 trouxeram

<sup>2</sup> Segundo Mar de Fontcuberta (1993), a reportagem, no contexto dos gêneros jornalísticos, poderia ser classificada, juntamente com a notícia e a crônica, como um gênero textual informativo. Nesse sentido, no entanto, por assumir (e possuir), pelo seu próprio caráter textual, um outro caráter informativo (em comparação aos outros dois tipos textuais), vale relembrar as proposições de Charaudeau (2006). De um ponto de vista da análise do discurso, diz o autor, “três aspectos devem ser tomados em consideração para determinar uma classe textual: o de lugar de construção do sentido do texto, o de grau de generalidade das características que definem a classe, o modo de organização discursiva dos textos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 204 [grifo original]).

matérias de capa referentes a “acontecimentos legítimos”, sendo as outras 41 referentes a matérias voltadas para questões temáticas – chamadas pelos autores de “acontecimentos legitimados”. Nas revistas especializadas isso ainda é mais concreto, havendo publicações que nascem e vivem em vista de uma só temática e outras que, partindo de um nicho editorial (classe social, faixa etária ou gênero), elencam uma série de temas respeitando algumas lógicas da segmentação cultural (MIRA, 1999).

Para Scalzo (2004, p. 13), as revistas cobrem funções “[...] mais complexas que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura”. Neste universo, pensamos, os temas cumprem um importante papel no que diz respeito a essa complexidade. E o que isso significa? O quê é o tema para a revista? Como o mesmo faz operar uma visada jornalística outra sobre o mundo, configurando, ao mesmo tempo, este universo jornalístico?

Na tentativa de responder a tais questões, partimos da visão de que, no jornalismo de revista, o tema pode ser visto como um elemento que opera sentidos, ou seja, que atua sobre o seu fazer e sobre sua materialidade. Mais que dizer sobre o mundo, participa no como se diz, incidindo sobre práticas, conteúdos e formas. Tal visada é construída aqui no cruzamento de aspectos conceituais e empíricos, advindos, em boa parte, de duas pesquisas em andamento<sup>3</sup>, e buscará, no percurso e ao final do texto, oferecer dispositivos para se pensar sobre o jornalismo de revista em suas manifestações e naquilo que, sob um viés investigativo, pode ser inferido a partir deste.

## O tema como conceito

Em termos dicionarizados, a ideia de tema encontra-se assim definida: “1. assunto que se quer desenvolver 2. objeto de discussão 3. radical ou elemento primitivo de uma palavra, ao qual se acrescenta sufixo ou desinência” (HOUAISS, 2004, p. 426). Uma conceituação que não foge àquela ideia primeira, que permeia seu uso geral: o tema diz respeito a um assunto, um tópico sobre o qual se discorre, sobre o qual fala, se pensa etc.<sup>4</sup>. Todavia, o que significa tomar o tema não como objeto de referência, mas como um objeto de estudo?

Se verbalizada, a palavra “tema” torna-se “tematizar” e adquire nova substantivação: tematização. Ambos os termos, tematizar e tematização, aparecem em teorias e, diferente do tema por si mesmo, serviram, como conceito, para alguns percursos teóricos.

<sup>3</sup> Pesquisas que darão origem às nossas respectivas teses de doutoramento, ambas focadas no jornalismo de revista. Na primeira (TAVARES, 2008), uma reflexão acerca da cobertura especializada sobre a temática da qualidade de vida numa revista específica, a *Vida Simples* da Editora Abril, observa-se como os relatos jornalísticos (visuais e textuais) ali presentes, ao mesmo tempo em que configuram um sentido sobre o bem-estar na sociedade, revestem o jornalismo de novos enquadramentos. Na segunda (SCHWAAB, 2009), uma reflexão sobre jornalismo contemporâneo e temas complexos, analisa-se a prática discursiva e as processualidades de dez diferentes revistas da Editora Abril e seu trabalho com temáticas ecológicas.

<sup>4</sup> Em termos epistemológicos a palavra vem do grego *Théma*, significando assunto a ser tratado.

Nas Teorias do Jornalismo, uma primeira ideia de tematização está associada às reflexões sobre o papel de agendamento realizado pelos produtos jornalísticos junto ao público, dizendo sobre o que este último *deve pensar*. Os temas são vistos como um assunto, mas inseridos numa lógica que diz da circulação dos produtos midiáticos. Nesse sentido, segundo Traquina (1995), caberia aos meios pautar assuntos na sociedade, colocando certas questões na ordem do dia.

A Teoria da Tematização (SOUSA, 2002) reflete sobre uma nova ideia de opinião pública (e de público), observando que essa última é resultado não de consensos no interior da sociedade, mas de uma seleção contingente e orientada de temas que busquem atender ou solucionar os muitos interesses de diversos grupos sociais. O pano de fundo desta teoria são as preocupações políticas, institucionais e o papel dos *media* nesse processo, o que não impede de se conduzir tal raciocínio para a reflexão sobre outros grandes temas que envolvem os segmentos sociais nos dias de hoje, buscando compreender sua dinâmica de produção de informação, seus sentidos e significados.

As revisões realizadas sobre as teorias do agendamento (SOUSA, 2002), somadas às proposições da Teoria da Tematização, conduzem hoje para um pensamento que diz não do uso do tema pela mídia (como pauta), mas que problematizam seu potencial gerador de sentido. Deste ponto de vista, menos que determinar sobre *o que pensar*, os meios de comunicação são vistos como aqueles que ofertam sentidos sobre alguma questão, participando de um circuito no qual o público também é visto como agente produtor de significados. Assim, os sentidos veiculados pela mídia, apesar de escaparem do seu controle, reforçam a capacidade que certas temáticas têm de operar processos de circulação significativa na relação mídia e sociedade.

Nas teorias da Educação, por sua vez, tal capacidade dos temas aproxima-se de um conceito formulado por Freire (1987), o de *tema gerador*. O autor reivindica uma educação popular a partir da superação do dogmatismo no ensino dos conteúdos programáticos das classes dominantes, cabendo, aos educadores, valorizar o *universo temático* (também chamada temática significativa) das classes populares.

A noção de *tema gerador* de Paulo Freire enquadra-se em uma lógica dialética, que pensa a educação como transformadora e não apenas como uma prática depositária de conteúdos. Os temas, menos que grandes tópicos fixos, desdobrar-se-iam em uma diversidade de subtemas, relacionados à realidade social na qual estivessem inseridos e com a qual deveriam lidar, solicitando “tarefas a serem cumpridas”. Como aponta Corazza (1992, p. 16 [grifo original]), “Freire concebe os *temas geradores* como dispostos em círculos concêntricos, que partem do geral ao particular”.

Esta metodologia de educação problematizadora prevê, por parte dos indivíduos, a percepção das dimensões significativas de sua realidade (a totalidade desta e suas estruturas), cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação entre as partes formadoras de suas dimensões. Captar e entender os temas é, nesse sentido, entender os homens que os encarnam e a realidade a eles referida.

A perspectiva de Freire permite pensar a junção de dois termos interessantes – tema e geradores – criando um terceiro, o conceito de *temas geradores*. Como relembra Corazza (1992), o primeiro termo – tema – tem, em Freire, a influência da noção de *temas epocais* do historiador alemão Hans Freyer e afirma a existência, numa certa *unidade epocal*, de um conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, em busca da plenitude. Já o segundo termo – geradores –, diz a autora, estaria ligado ao conceito de *palavras-chave* ou *palavras-geradoras*. Estas últimas seriam palavras que se decompostas em fonemas propiciariam o surgimento de novas palavras pela combinação destes. Assim, a ideia de gerador, afirma a ideia que vem do conceito final – *tema gerador* – como sendo a qualidade de dar origem a *novos temas*.

Apesar de as teorias da Educação e seus métodos não integrarem a realidade teórica jornalística, as contribuições aqui pontuadas, se tensionadas com as noções envoltas na lógica da tematização, podem oferecer caminhos.

Sem observar a sociedade do ponto de vista dialético ou sob a luta de classes, mas valorizando o papel de educador não-formal das revistas (pela informação ofertada), podemos pensar o tema a partir de sua presença nestes meios e na sociedade, articulando um conjunto de redes de sentido.

Sob essa ótica, no jornalismo de revista, os temas podem ser vistos não apenas como conteúdos determinados por certas rotinas produtivas e de consumo, mas também como elementos de processos de extração midiática onde aspectos culturais e campos sociais se entrecruzam. Ao falar para um certo público e com ele criar uma certa “relação”, a revista tenta “esgotar” uma temática e “tratar” a realidade de outra forma. Algo que no contexto do jornalismo traz implicações discursivas e editoriais, e sugere um fazer jornalístico complexo, que possui operações próprias.

## O jornalismo como discurso

A produção do discurso jornalístico se dá pelo seu funcionamento como sistema, por meio de processualidades próprias e constituintes, sem, no entanto, serem descoladas da realidade social, o que ressalta seus aspectos de organização e interação (FONTCUBERTA e BORRAT, 2006). Elementos como a organização/empresa, a relação com as fontes de informação e o horizonte do público, um *outro* fundamental neste processo, são “[...] -questões que precedem e ao mesmo tempo constituem as condições epistemológicas que (de)limitam o campo de reflexão e as práticas jornalísticas” (RESENDE, 2005, p.98). Aspectos primordiais para se discutir sentido e construção de sentidos no jornalismo.

Na Análise do Discurso de linha francesa<sup>5</sup>, Pechéux (1995) define o discurso como sendo um *efeito de sentidos* entre os pontos A e B, que correspondem a lugares representados

<sup>5</sup> Com atenção ao exterior lingüístico, procurando apreender como no lingüístico inscrevem-se as condições sócio-histórias. A linguagem não é neutra e nem natural. É, em essência, lugar de manifestação da ideologia.

discursivamente. O sentido se dá, portanto, no entremeio. Sentido e sujeito constituem-se em simultâneo, por meio de interpelação ideológica, da qual decorrem os efeitos de evidência que marcam ambos.

Os sentidos dependem de relações constituídas nas/pelas Formações Discursivas<sup>6</sup> (FD), que funcionam como reguladores de sentidos ao atuar nos recortes que o sujeito empreende, buscando, no interdiscurso, sentidos já realizados ou possíveis. Nesse contexto, os textos jornalísticos realizam movimentos de resgate da memória e, nesse processo, fazem circular narrativas sobre o presente, permeadas por signos historicamente constituídos. A interdiscursividade é onipresente: o já dito, o repetível, está na base do dizível, de onde, via FD, o jornalista transpõe elementos para ressignificar e determinar deslocamentos de sentido.

Por estas razões, não há sentido fixo, só efeitos de sentido, construídos no processo de interlocução e que devem ser referidos às suas condições de produção. Na proposta de Maingueneau (2007, p.38), de um primado do interdiscurso, devemos considerar um “sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro”. E um dos efeitos do interdiscurso, o efeito de pré-construído, é salutar para a compreensão do discurso jornalístico. Ele sublinha o espaço social deste discurso, as lacunas que ele busca preencher com seus sentidos de evidência, de naturalidade para o enquadramento dos fatos noticiados. Ou seja, as notícias veiculam o fato como fato, como se a própria prática de editoração não se desse, essencialmente, por gestos de interpretação. O imaginário de evidência faz sombra à heterogeneidade discursiva e ideológica, produzindo efeitos de sentido revestidos de credibilidade, *natural* como verdade, procedimento legítimo (BENETTI, 2007) e baseado na confiabilidade inerente ao contrato de comunicação<sup>7</sup> mantido com os leitores.

Os sujeitos do campo jornalístico ocupam uma posição em uma dada formação social<sup>8</sup>, tomando como exemplo a sociedade brasileira urbana e leitora de revistas. Nesta formação há elementos compartilhados, como a confiança e o compromisso na informação “verdadeira”, algo que já se esperada prática jornalística. Jornalista e leitor assimilam uma isenção simbólica, natural, *esquecendo-se*<sup>9</sup> de que, para além dos procedimentos normativos da cultura jornalística, há escolhas outras, como as de ordem da linguagem. Estas operações se dão no encadeamento que dá origem ao discurso, na atuação das formações imaginárias, ideológicas e discursivas.

O trabalho das formações imaginárias designa o lugar que destinador e destinatário atribuem a si mesmos e ao outro, como uma imagem que fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro. Dentro desses pressupostos nos interessa relacionar e discutir o tema,

<sup>6</sup> Em uma formação ideológica dada, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, as Formações Discursivas determinam o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1995), conforme postulado de Foucault (2005).

<sup>7</sup> O contrato permite um trabalho de homogeneização do sujeito num determinado tempo histórico (CHARAU-DEAU, 2006).

<sup>8</sup> As relações correspondem a posições ideológicas que mantêm entre si laços de aliança, antagonismo ou dominação em dado momento histórico (BRANDÃO, 2004).

<sup>9</sup> Ver os esquecimentos em Pêcheux (1995, p.173).

explorando sua atuação no funcionamento do discurso jornalístico das revistas. Ao falar em construção de sentidos, estamos considerando as condições de produção do discurso em questão, destinador e destinatário, e o terceiro elemento dessa combinação: do que se fala, o objeto do discurso.

## Operando sentidos na revista

As reflexões presentes nos itens anteriores, sugerem algumas contribuições para pensarmos o tema.

No que diz respeito ao conceito, se pelo lado da tematização – que afirma a presença dos temas na lógica midiática – podemos pensar os sentidos e seus processos de circulação, principalmente do ponto de vista do produtor, do receptor e de sua interação; pelo lado dos *temas geradores*, pode-se pensar a capacidade temática de falar sobre certos assuntos da e na sociedade, conferindo a eles não apenas um lado conteudístico, mas, também, dinamizador de certas operações e significados, que permita observar a realidade de outras formas e dela participando (afirmando o diálogo destinador – destinatário).

Discursivamente, pensar o tema no encadeamento que dá origem ao discurso e seus efeitos de sentido, permite salientar que na ação jornalística há um ponto de chegada que pode ser similar ao ponto de partida<sup>10</sup> como fonte de sentido; um processo que permite tensionar como a realidade expressa significados e como o significado reflete e refrata a realidade. E esse refratar, a nosso ver, está ligado ao tema, não apenas como o *do que se fala*, mas refere-se à força do tema como referencial organizador do conteúdo jornalístico, da leitura do real feita pelo jornalismo e as afetações do discurso por outros discursos, ditos e possíveis.

Por este prisma, o tema, majoritariamente pensado como conteúdo, assume outras conotações. De algo a ser dito, passa a *eixo operador*. Não se perde nesse processo características fundamentais do jornalismo, inauguradas e mantidas pelo jornalismo cotidiano. A maneira como tais elementos são encontrados nas revistas (tanto nas de periodicidade curta, quanto nas de periodicidade longa), entretanto, faz com que tais aspectos jornalísticos sejam re-elaborados de outra forma.

Entre os aspectos jornalísticos canônicos, três ganham destaque neste processo. Um primeiro diz respeito à imbricação do discurso jornalístico com a atualidade (FRANCISCATO, 2005). Na revista, apesar de não se focalizar o *acontecido*, não se perde o vínculo com o atual, conferindo aos temas um ar de novidade e de ligação entre diferentes atores sociais, não limitado a um aspecto espacial/físico, e também ligado ao compartilhamento de sentidos e à orientação sobre formas de ação social<sup>11</sup>. Um segundo aspecto está relacionado ao efeito de relevância do recorte jornalístico e sua ocorrência como amostra

<sup>10</sup> Há, por natureza, um deslocamento de sentido.

<sup>11</sup> A revista faz o tema acontecer em seu aspecto de atualidade, de algo realizável ou em desenvolvimento, ofertando sentidos por meio de dizeres intencionais.

possível e natural sobre um tema. Permanece no jornalismo de revista a liberdade do veículo em escolher a temática a ser tratada. E um terceiro aspecto diz da reiteração da relevância pública de um tema que, convertido em matéria jornalística, assume o efeito de indispensável ao cotidiano do leitor, uma vez que este mesmo tema advém das próprias demandas contemporâneas, da vida social enquanto espaço de colheita da revista, retornando, por meio dela, na qualidade de abordagem importante, interpretativa e completa.

Lustosa (1996) destaca que as revistas não trabalham com base em dados fortuitos, acidentais, mas ligadas a uma cadeia de outros acontecimentos (inerentes ao fato ou tema em questão). Com a investigação e o estabelecimento de relações de um acontecimento com outros, históricos, a revista constrói um texto redondo, “expressão usada nas redações para indicar uma matéria em que não falta nada para o leitor entender tudo o que existe em torno do assunto” (LUSTOSA, 1996, p.105).

Na significação do que importa e de como isto importa, o tema se parte e reparte, sem deixar de ser o *tema*. Isto é, seu aspecto geral, como ponto de partida, permanece enquanto fio de sustentação do discurso no recorte do tema. Produz-se um tipo de conhecimento sobre determinado assunto e, ao mesmo tempo, produz-se um tipo de jornalismo específico.

Genro Filho (1989, p.163), ao teorizar sobre o modo de conhecimento produzido socialmente pelo campo jornalístico, fala no trabalho de seleção [discursiva, no nosso caso] do jornalismo, apoiado nas categorias hegelianas do “universal, particular e singular”. Este aspecto destacado pelo autor, além das construções de Freire (1987) anteriormente expostas, nos levam a pensar como o tema enquanto pauta dominante nas revistas está sustentado por uma abordagem (inclusive justificando a sua relevância) e origina reconhecimento, como uma espécie de guia para o leitor, de um fio que liga o singular no universal. Algo familiar e que, como produto da temática maior que o originou, parece apreender a plenitude de uma época. Nessa perspectiva, atuando dentro de estruturas conhecidas, o jornalismo de revista escolhe, reitera e gera sentidos que se encaixem como utilizáveis no real. Algo que pode ser observado nas duas categorias principais de revistas: as semanais, com foco nas informativas/jornalísticas e as de periodicidade ampliada, em geral, mais especializadas. É o que abordaremos a seguir.

## Revistas de periodicidade semanal

Nas revistas de periodicidade semanal<sup>12</sup>, identificamos a operação dos temas sob três aspectos complementares: 1) na abordagem de assuntos não factuais; 2) na discursivização de questões factuais pelo viés de um tema atual e não somente o fato em si;

<sup>12</sup> As três maiores tiragens do segmento revistas no Brasil são ocupadas por este tipo de publicação. Além disso, conforme dados de 2008, as quatro revistas semanais de informação, *Veja* (Editora Abril), *Época* (Editora Globo), *IstoÉ* (Editora Três) e *Carta Capital* (Editora Confiança), mantém uma circulação média de 1,9 milhão de exemplares, com uma estimativa de 7,5 milhões de leitores por semana. Segundo a Associação Nacional dos Editores de Revistas, juntas, elas detêm 52% desse mercado. Disponível em: <http://www.aner.org.br>. Acesso em 05 fev. 2009.

e 3) na presença destas revistas em números especiais, extrapolando seu regime semanal para uma compilação, geralmente anual, dos aspectos que julga mais importantes naquele eixo temático, editando o que é este determinado tema naquele período.

Acontecimentos singulares são, em essência, matéria principal das revistas informativas semanais. Mesmo nestes casos, é possível verificar seu enfoque por generalizações, em pautas formatadas nos temas de interesse da publicação, discursivizados nos limites da formação discursiva a que se filia.

A vocação noticiosa divide espaço com um investimento substancial em informação pessoal, “[...] aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática” (SCALZO, 2004, p. 14); menos informação quente, mais espaço para exercitar uma busca por orientar os leitores. Dessa forma, o tema pode ser tomado também como instrumento de *noticiabilidade*, como filtro, como perspectiva interessante para o seu informar.

Assim, esse jornalismo assume entonação disciplinar e performativa (PRADO, 2005), moldando efeitos de sentido sobre o que é normal, desejável e aceitável. O próprio ritmo de fechamento de uma revista possibilita um planejamento de suas pautas e investimento na investigação e interpretação, sem contar a rede discursiva que um mesmo número pode mobilizar, aliando a flexibilidade de construção textual, colonistas e o design gráfico, trabalhando grandes quantidades de informação estruturada, repetida e coerente. Sua *periodicidade* permite esta elaboração.

A periodicidade semanal, no entanto, deve ser colocada em perspectiva, no aspecto da sua *visibilidade anual*. É este o espaço de organização da revista, sua atuação ao longo de mais um ano de banca, suas capas, suas edições especiais. Em *Época* (Editora Globo), por exemplo, o investimento nas Edições Verdes, tematizando a questão ambiental no contemporâneo, exemplifica bem o mecanismo que o tema aciona, a ponto de estruturar uma editoria específica, os números especiais anuais e a presença da temática para além do factual. A revista não apenas aborda o tema, mas dá *valor* a ele, usufrui do seu *valor* e da sua utilidade, seja pelo reforço do seu capital simbólico ao abordar assuntos de relevância social, seja pela oportunidade enquanto negócio que o tema representa.

A movimentação em torno dos temas pode ser percebida também em grandes projetos das editoras. Repetem-se iniciativas de inserção das revistas no ambiente escolar, com os títulos adjetivados por expressões como *educação, na escola*, tematizando soluções para este universo. Fora este tema, encontramos, na Editora Globo, o *Projeto Generosidade*<sup>13</sup>, no qual as pautas, em páginas de várias de suas publicações, movimentam-se no universo do voluntariado e do terceiro setor. Mesmo caso da Editora Abril, mas na temática ambiental, pelo viés da sustentabilidade, mote do projeto *Planeta Sustentável*<sup>14</sup>. Em diversas publicações da Abril, encontramos a discursivização do tema como algo atual mas, para além disso, reforçando a atualidade de um modo particular de “ver” o tema, organizando sentidos possíveis e esperados, onde se destaca, por exemplo, um aspecto utilitário no discurso destas publicações.

<sup>13</sup> Ver mais em <http://www.projeto generosidade.com.br/site>. Acesso em 05 fev 2009.

<sup>14</sup> O site institucional do projeto é <http://www.planetasustentavel.com.br>. Acesso em 05 fev 2009.

## Revistas de periodicidade ampliada

Nas revistas de periodicidade ampliada, os temas manifestam-se geralmente sob duas maneiras: ora como *derivados de um perfil editorial* – caso das revistas voltadas para certo gênero, classe social ou faixa etária –, ora como *conformadores de um perfil editorial* – caso de revistas voltadas para certos assuntos como qualidade de vida, saúde, esportes etc. Em todas elas, no entanto, os temas aparecem como referentes centrais na produção jornalística em questão, não estando submetidos a um regime propriamente noticioso, mas nem por isso menos informacional. O que entra em evidência, na verdade, é uma alternância de lógicas produtivas cuja valoração sobre o testemunho do real, um dos propósitos básicos do jornalismo, inaugura outros regimes de *periodicidade*, *noticiabilidade* e *visibilidade*. Nos discursos aí presentes e na produção de sentido que aí se efetua, os temas condicionam as características dos periódicos e, ao mesmo tempo, ganham roupagens de acordo com questões de linguagem, mercado e conteúdo.

Não podemos afirmar uma separação total entre as publicações especializadas, delimitando, por completo, suas diferenças a partir de questões editoriais e temáticas, uma vez que em todas, pode-se dizer, se faz *jornalismo especializado voltado para temas*. A apreciação das singularidades existentes entre elas (e nelas), no entanto, permite elencar algumas questões específicas.

Nas revistas que partem de um perfil editorial atrelado a um público mais específico (jovens, mulheres, adolescentes, minorias étnicas, tribos urbanas, etc.), tal como mapeado por pesquisas de mercado e outros mecanismos e índices de relacionamento entre publicações e consumidores, os temas encontram-se diversificados naquilo que se considera de interesse dessa audiência leitora, cabendo à produção jornalística responder a certas demandas. O tema, neste aspecto, reflete certas lógicas mercadológicas, sociais e culturais e aponta, indiretamente, para determinados tópicos que permeiam a sociedade e seu *ethos* numa certa época e local.

Nos discursos aí presentes ficam notórias lógicas de comportamento, consumo e prestação de serviços que, ao mesmo tempo em que difundem certas práticas à sociedade, encontram-se jornalisticamente materializadas na expectativa de respeitar aquilo que lhe é solicitado pelo espírito do tempo que lhe envolve. O destaque a certos assuntos, a composição gráfica, a variedade e a recorrência de temáticas, o intervalo de publicação; tudo buscando dar conta da complexidade do nicho para o qual a publicação se volta.

Já nas revistas que, em vez de certo nicho configurado pelo público, tomam por referência um “grande tema”, elege-se um assunto amplo que consiga reunir vários outros (espécie de subtemas) e, a partir dele, um perfil editorial é construído. Tais revistas, por isso, estão geralmente pensadas a partir de certos parâmetros que não deixam de acompanhar um público, mas, mais que isso, estão sujeitas às estruturas que formam uma certa temática na sociedade. Tal processo faz com que o jornalismo aí criado assuma características que fogem

a uma leitura do *todo* do mundo, ou da *totalidade* de um público, mas que se volta para a totalidade de sentidos de um só *universo temático* e que deve dizer da complexidade dos universos (temporais e espaciais) que o envolvem.

A dinâmica que abrange tais publicações faz com que, na relação tema e jornalismo aí construído, ocorra um processo co-incidente. De esferas temáticas formatadas no conjunto de subtemas de temas principais (geradores), ocasiona-se: a criação de significados sobre um tema específico (ecologia, qualidade de vida, etc.), a configuração de um público, e a formatação de um produto jornalístico (a publicação em questão). Algo que, seja nestas publicações especializadas, seja nas semanais, coloca em evidência o tema para além do assunto e aponta para os processos advindos do jogo de suas operações.

## Operações e processos

Nas singularidades e regularidades presentes nas revistas, como apontado acima, a presença do tema coloca em evidência a existência de uma relação outra no jornalismo, que o permite pensar não sob a ótica da instantaneidade, da velocidade e ou da novidade propriamente dita, mas sob um ponto de vista que diz respeito a uma produção (apuração, redação, etc.) que está condicionada a uma ação do tema sobre o jornalismo e a uma reação deste sobre aquele.

Sob o prisma da ação temática, o jornalismo de revista, em sua relação com o tema, vê-se envolto a processos de configurações editoriais (o tema caracterizando perfis editoriais), materiais e discursivas (o tema caracterizando formatos, visualidades e textos), e de segmentação (o tema caracterizando públicos). Assim, o tema provoca ao (e no) jornalismo de revista ações que o colocam, mais que um conteúdo a ser buscado, como algo que penetra e faz parte do jornalismo que ali é feito. Cabe ao jornalismo de revista observar e mapear, na trivialidade cotidiana, o que foge ao extraordinário e, inversamente à lógica canônica jornalística, falar sobre temas espalhados na sociedade, buscando dar conta de suas tramas, estando, ao mesmo tempo, relativamente sujeito à capacidade geradora que os envolve.

A resposta jornalística a essa *provocação* se dá pela configuração de características específicas ao jornalismo de revista e, ao mesmo tempo, de enquadramentos jornalísticos aos diversos temas abordados. Principalmente no que diz respeito a aspectos relacionados às condições de produção do discurso das revistas, elementos temporais, sociais e tematizadores recolocam-se frente ao jornalismo cotidiano. Alguns pontos dessa dinâmica podem ser assim detalhados e/ou retomados:

- a. *Regimes de tempo*: A revista trabalha com lógicas temporais diferenciadas. Cada edição chega ao leitor com um passado de referência (números anteriores, a semana ou o mês que passou) e com um futuro de permanência, já que seus conteúdos, por mais ligados que estejam a fatos ocorridos em dias próximos à sua publicação, discursivamente terão laços muito fortes com questões próprias

daquela publicação, enquadramentos que se reiteram, generalizações que sirvam como gancho para a matéria, enfim, in-formações sobre os temas que movem a revista. Além disso, o suporte lhe confere um *status* diferenciado, tal a força do papel, do documento impresso, da sua continuidade no tempo e da possibilidade da volta do manuseio, o que produz, por sua vez, novos sentidos.

**b.** *Fluxos discursivos*: Neste aspecto, em especial, sublinha-se a relação inerente do discurso jornalístico com os demais campos sociais, mediando aspectos da vida contemporânea pelos seus recortes temáticos, atualizando os mesmos temas ao tempo em que se vive (re)alimentando, interdiscursivamente, os sentidos acerca da vida social<sup>15</sup>. Outro aspecto diz respeito à tematização e sua relação com questões mercadológicas. No jornalismo de revista, a interligação ambiente social e o fazer jornalístico criam uma ambiência mútua por demandas, principalmente no aspecto econômico da informação e entretenimento.

**c.** *Dizeres utilitários*: As revistas possuem uma relação de maior intimidade com seu público. E a produção de sentido se dá, em essência, centrada no indivíduo<sup>16</sup>. O jornalismo de revistas chama a subjetividade e propõe, no contexto liberal capitalista em que vivemos, a tematização desse mundo, trazendo o social para o privado, o coletivo para o individual e, neste terreno, tematiza as soluções. O mercado de revistas explora uma grande variedade de títulos nos quais não apenas o caráter informativo aparece. Há, também, o entretenimento, a diversão e, em muitos casos, a fusão informação, educação, serviço e entretenimento. Neste aspecto, a revista não parte apenas do interesse público para decidir o que vai ser notícia, mas parte do interesse do público, em parte averiguado, mas, em essência, imaginado em seus principais aspectos, no que toca seus modos de agir e pensar. E pelo caráter de intimidade que a publicação adquire, pelas relações “afetivas” de assinar, escolher e comprar, autoriza-se uma entrada naquilo que é de caráter privado, tanto no tratamento dos temas – mais uma vez a centralidade do indivíduo, sua saúde física e mental, sua aparência, suas escolhas –, como na transformação disso em matéria jornalística, tal o crescimento do mercado de boatos e celebridades.

As características acima elencadas, que dizem respeito à ação jornalística sobre o tema, se tensionadas com aquilo que o tema provoca ao jornalismo de revista, oferecem um ponto de reflexão instigante: ambos os processos, em nenhum momento, encontram-se descolados. São eles co-incidentes, atuam um em função do outro, e geram, dele também fazendo parte, um circuito informativo que diz ao mesmo tempo do jornalismo, da sociedade e da revista; estando os temas no entremeio dessa relação. Neste *locus*, o tema constitui-se *construto*, moldando a(s) revista(s) no mesmo passo em que a(s) revista(s) também molda(m) o tema.

<sup>15</sup> Os campos semânticos construídos pela linguagem constituem esquemas de classificação que permitem a acumulação da experiência. A transmissão de esquemas de classificação para diferenciar os objectos constitui o acervo social de conhecimento (PONTE, 2005, p. 99).

<sup>16</sup> Interpelado em sujeito, em sua forma individualizada concreta, aquela visível e a partir da qual é possível adaptar o sujeito ao social do capitalismo (ORLANDI, 2002).

A tensão entre o tema e os processos discursivos materializada no produto revista se dá pela operação de sentidos que decorre deste encontro. E a visada sobre estes, em sua imaterialidade, aponta para um horizonte sobre o Jornalismo, interpenetrado por três grandes questões: a compreensão da relação complexa entre jornalismo e sociedade; a atenção sobre o jornalismo de revista, ainda pouco estudado; e a explicitação do tema como objeto de estudo jornalístico, com necessidades teóricas e metodológicas específicas, o que permite visibilizar, dentro do jornalismo, outras operações e processos.

## Referências

- AUGUSTI, Alexandre R. (2005) *Jornalismo e comportamento: os valores presentes no discurso da revista. Veja*. 182 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br>.
- BENETTI, Marcia. (2007) *A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja*. In: Anais do XVIII Encontro Anual da Compós. Curitiba, Paraná. 15 f.
- BRANDÃO, Helena H. N. (2002) *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- CHARAUDEAU, Patrick. (2006) *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- CORAZZA, Sandra Mara. (1992) *Tema Gerador: concepção e práticas*. Ijuí: Unijuí.
- FONTCUBERTA, Mar de. (1993) *La noticia*. Barcelona: Paidós.
- FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. (2006) *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*. Buenos Aires: La Crujía.
- FOUCAULT, Michel. (2005) *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. (2005) *A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais*. São Cristóvão: Editora da Universidade Federal de Sergipe.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 187.
- GENRO FILHO, Adelmo. (1989) *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Ortiz.
- HOUAISS. (2004) *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- LUSTOSA, Elcias. (1996) *O texto da notícia*. Brasília: Ed. UnB.
- MAINGUENEAU, Dominique. (2007) *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições.
- MIRA, Maria Celeste. (1999) *O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho D'Água.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. (2002) *Língua e conhecimento linguístico*. Campinas: Pontes.
- PÊCHEUX, Michel. (1995) *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp.
- PONTE, Cristina. (2005) *Para entender as notícias*. Florianópolis: Insular.
- PRADO, José A. (2005) *“Palavras de ordem na mídia performativa”*. In: Anais do III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Florianópolis: SBPJOR/UFSC.

QUÉRÉ, Louis. (2005) *Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento*. Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75.

RESENDE, Fernando. (2005) *O jornalismo e a enunciação: perspectivas para um narrador-jornalista*. In: Contracampo. Niterói: IACS/UFF.

SCALZO, Marília. (2004) *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto.

SCHWAAB, Reges Toni. (2009) *O verde passado em revista: jornalismo e meio ambiente nas publicações da Editora Abril*. Relatório de Qualificação de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação.

SOUSA, Jorge Pedro. (2002) *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. (2008) *Revista e Vida Simples: complexidades na relação jornalismo e qualidade de vida*. Relatório de Qualificação de Doutorado. São Leopoldo, UNISINOS – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação.

TRAQUINA, Nelson. (1995) *O paradigma do agenda-setting: Redescoberta do poder do jornalismo*. Revista Comunicação e Linguagens. Lisboa: Cosmos, número 21 e 22.

VAZ, Paulo Bernardo Ferreira; FRANÇA, Renné Oliveira. (2009) *“Entre o legítimo e o legitimado: a explosão dos acontecimentos nas capas de Veja”*. In: Anais do XVIII Encontro Anual da Compós. Belo Horizonte: PUC-MG. 17 f.

REGES TONI SCHWAAB é jornalista e doutorando em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS) e bolsista da CAPES. Foi mestre pelo mesmo programa.

reges.ts@gmail.com

FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES é jornalista e doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, onde integra o Grupo de Pesquisa “Estudos em Jornalismo” (GPJor/Unisinos) e bolsista do CNPq. Foi mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

fredericombtavares@yahoo.com.br

*Artigo recebido em junho  
e aprovado em outubro de 2009*